

REleituras

O horror, o humor



Dawisson Belém Lopes

De Louisiana para o Rio – Não, eu não quero falar do Katrina. Não vou falar de furacões e fenômenos naturais. Também não pretendo apupar o presidente Bush (ao menos, por enquanto). Não vou lançar petardos sobre Lula ou Severino, nem fazer analogia entre a tragédia de lá e a crise política de cá (recurso estilístico, a essa altura, já bastante surrado). Mas não pude deixar de observar, como a maioria dos que ligaram o aparelho de TV, no horário dos telejornais, a maciça presença de negros entre os desalojados de Nova Orleans. A parcela da história que nos é contada trata de enfatizar a lúdica, idílica, auspiciosa trajetória do jazz – que o historiador Eric Hobsbawm definiu como a grande contribuição americana (no terreno da música e fora dele) ao século XX – como traço distintivo do povo negro que habita o estado de Louisiana. *Pero...* Ficou faltando explicarem – e aqui saio eu, na caça de hipóteses – o porquê de os negros terem sido tão mais açotados pelo Katrina do que os habitantes da parte “francesa” da cidade de Nova Orleans (uma relíquia do tempo em que os europeus povoaram aquelas terras). Fiquei sem entender...

Eis que, escarafunchando os fatos, adentro um terreno pantanoso: o do estatuto do negro no pós-abolição da escravatura. Esse costuma ser um tema um tanto quanto negligenciado pelos historiadores, relegado ao conveniente limbo da História, em favor do oficialismo, das versões dos vencedores. A questão das relações raciais pós-escravidão até foi, não podemos negar, bastante explorada pelos estudiosos pátrios e não-pátrios; mas, recorrentemente, o foi de forma eufemista, quase romântica (as teses da “democracia racial” e do “melting pot” dão a tônica).

Na historiografia brasileira, um passo importante é dado para a superação do defeito, com o lançamento de *Memórias do Cativo* [Civilização Brasileira, 2005], de Ana Lugão Rios e Hebe Mattos. Inspirando-se na experiência americana de resgate da história oral dos escravos (iniciada, veja-se a nada surpreendente coincidência, em duas universidades de Louisiana), as autoras buscaram coligar relatos que posicionam o negro como agente – e não só como paciente – do processo histórico. A proposta é entender como, a partir das práticas e comportamentos dos recém-libertos, foi-se constituindo um *conjunto de identidades, hierarquias e categorias raciais*, responsável, em última análise, pelas *trajetórias de diferenciação social* entre brancos e negros. Quem sabe as *Memórias* não ajudam a formular um palpite “sociológico” sobre os desabrigados negros de Nova Orleans?

Ele sabia de tudo? – Enquanto aguardava o seu julgamento, Joachim von Ribbentrop, ex-ministro do Exterior do terceiro Reich alemão, de 1938 a 1945, concedeu entrevistas ao psiquiatra americano Leon Goldensohn, na prisão de Nuremberg [Cf. *As Entrevistas de Nuremberg*, Companhia das Letras, 2005]. Numa delas, ocorrida em 16 de fevereiro de 1946,

Ele [Ribbentrop] passou a descrever o encontro com Stalin e Vyacheslav Molotov, em Moscou, quando consumou o Pacto de Não-Agressão. Ele ficou ali apenas um dia e uma noite, e mais tarde retornou para um grande banquete, no qual brindes foram erguidos. Considera Molotov muito competente e esperto. Stalin governa a Rússia “mantendo o povo russo na palma de sua mão. É assim que funcionam os governos ditatoriais”, ele disse. “Em nosso governo, a política de Hitler era que cada ministro ou chefe de departamento soubesse apenas o que dissesse respeito a seu trabalho. Portanto, eu só soube da invasão da Noruega, por exemplo, 24 horas antes que ela ocorresse. O Ministério das Relações Exteriores não se metia nos assuntos militares. Foi o mesmo com a guerra russa. Só vim a saber dela 24 horas antes que começasse.”

Adiante, Goldensohn deixa saber a sua opinião a respeito das palavras de Ribbentrop: “Pessoalmente, acredito que esse mito de que Hitler não confiava a ninguém seus planos, métodos, atitudes de governo etc. é um meio de evitar, de

maneira um tanto óbvia, as responsabilidades do compartilhamento de culpa”. Ribbentrop alegava que não sabia de nada antes que acontecesse. Tudo era atribuído a Hitler, Himmler e Bormann. Qualquer semelhança...

Foi sem querer, querendo – Em 1966, um ano após ascender ao poder na Romênia, Nicolae Ceausescu declarou ilegal o aborto em seu país. “O feto é propriedade de toda a sociedade”, afirmava. Por detrás da grandiloquência, o objetivo de fortalecer rapidamente a economia romena através de um *boom* demográfico. Até 1966, a Romênia praticara uma das políticas mais liberais do mundo com relação ao aborto. Essa era, portanto, a principal forma de controle da natalidade em vigência no país. Da noite para o dia, o aborto fora proibido (salvo para as mães de mais de quatro filhos e as ocupantes de cargos graduados no Partido Comunista). Como previsível, os incentivos de Ceausescu funcionaram: um ano depois da proibição do aborto, o número de nascimentos na Romênia duplicou. Os novos bebês, contudo, acabariam tendo uma vida miserável. Comparativamente às crianças do período pré-proibição, as hostes nascidas após o banimento do aborto teriam piores notas na escola, menos sucesso no mercado e, também, mais propensão de abraçar a criminalidade.

Pois bem: em 16 de dezembro de 1989, multidões tomaram as ruas de Timisoara para protestar contra o regime comunista de Ceausescu. Muitos dos protestantes, adolescentes e jovens universitários, entre 13 e 20 anos de idade. Poucos dias após o massacre de Timisoara, o ditador romeno discursou, em Bucareste, para 100 mil pessoas. Foi calado aos gritos de “Timisoara!” e “Abaixo os assassinos!”. Sua hora havia chegado. Ele e a primeira-dama, Elena, tentaram fugir às pressas do país, com US\$ 1 bilhão, mas foram presos, julgados sumariamente e, no dia de Natal, executados por um pelotão de fuzilamento. *Ironia das ironias*: a queda de Ceausescu foi precipitada, em grande medida, pela juventude da Romênia – boa parte da qual, se o aborto não houvesse sido proibido, jamais teria nascido. Para esse e outros casos curiosos acerca da vida política internacional, ver *Freakonomics*, de Steven Levitt e Stephen Dubner [Campus, 2005].

Horror eterno, humor pós-moderno – Em *A Era do Vazio* [Manole, 2005], o filósofo francês Gilles Lipovestky avalia a condição do humor na sociedade contemporânea. Observa um fenômeno inédito: o desenvolvimento generalizado de um código humorístico. Um tipo de humor vazio e desestruturado, embora onipresente, que se estende ao próprio significante e se desdobra com o excesso lúdico dos signos: é o que testemunham as histórias em quadrinhos, com a invasão de onomatopéias, de palavras bárbaras inventadas para traduzir de maneira “hiperexpressiva” e engraçada os ruídos do mundo. “Atchim”, “tiquetaque”, “zunzum”, “nãããããã”, “bibifonfom” etc. já não têm significado e estão desligados de qualquer referente. O cômico pós-moderno resulta da autonomia hiperbólica da linguagem, da vacuidade dos signos entregues à supervalorização sonora, ortográfica e tipográfica. Esse tipo de registro humorístico só é possível se acompanhado de outros dois processos típicos dos tempos correntes: o hedonismo e o consumismo. O setor da moda é o microcosmo dessa tendência comportamental, com a obstinada busca do “cool”, da paródia a todo preço. Estilistas passaram a ser, por dever de ofício, humoristas.

Na “sociedade humorística”, há espaço para a transformação do Holocausto em trama bem-humorada (e, nem por isso, menos comovente). Em *Maus* [Companhia das Letras, 2005], Art Spiegelman, ex-diretor da revista *The New Yorker*, transfere para os quadrinhos toda a pungência da trajetória de um sobrevivente daquele que foi, possivelmente, o episódio mais dramático da recente história da Humanidade. Fá-lo por meio do sarcasmo e da ironia, o que arranca o riso ao mesmo tempo em que incita a perplexidade do leitor. Na simbologia do autor, os nazistas são gatos; os poloneses, porcos; e os americanos, cães. O título *Maus* (que, em alemão, quer dizer “rato”) faz alusão aos judeus – judeus como os Spiegelman, pai e filho, protagonistas da trama.

OBRAS:

- SPIEGELMAN, A. *Maus*. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.
- LIPOVETSKY, G. *A Era do Vazio*. São Paulo, Manole, 2005.
- GOLDENSOHN, L. *As Entrevistas de Nuremberg*. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.
- RIOS, A. L e MATTOS, H. *Memórias do Cativo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005.
- LEVITT, S e DUBNER, S. *Freakonomics*. Rio de Janeiro, Campus, 2005.